



## Meio ambiente e Religião: uma aproximação soteriológica

## Environment and Religion: A soteriological approach

*Alessandro Martins Gomes*

Doutorando em Estudos Clássicos: Mundo Antigo na Universidade de Coimbra, Portugal. Mestre em Teologia nas Faculdades EST e em História do Império Português na Universidade Nova de Lisboa, Portugal. Especialista em História Antiga e Medieval, Metodologia do Ensino de História e Geografia e História do Brasil. Bacharel em Direito e Teologia pela EST.

*Roberto Barroso da Rocha*

Mestre em teologia e educação pela EST e professor da disciplina de Ensino Religioso. Doutorando em Estudo da Religião pela Universidade Católica Portuguesa de Braga.

### **Resumo:**

A proposta do artigo é discutir a questão do meio ambiente através de um diálogo entre religião e modernidade, sobretudo no aspecto da crise da modernidade que assola o meio ambiente, ameaçando os recursos naturais e a sobrevivência de todos os seres. A proposta é retomar a contribuição da religião como forma de mudança de paradigma no trato com a natureza, uma vez que na modernidade há um claro afastamento do sagrado em função da ciência enxergar a religião como atraso para humanidade. Serão apresentados dados populacionais e durabilidade dos recursos naturais existentes e as alternativas de recursos renováveis que poderão ser importantes numa eventual quebra de paradigma pela sociedade moderna. A pesquisa é de revisão bibliográfica baseada nos dados apresentados por Udías Vallina e outros autores que descrevem a perspectiva da ecologia e da religião. A relevância da pesquisa está na hipótese da religião ser um antídoto para a crise ecológica, sendo que a mesma chegou a ser considerada algo superado pela modernidade.

**Palavras-chave:** Meio ambiente. Religião. Ética.

### **Abstract:**

The purpose of the article is to discuss the issue of the environment through a dialogue between religion and modernity, especially in the aspect of modernity crisis which causes harm to the environment, threatening natural resources and the survival of all living beings. It is to resume the contribution of religion as a way of changing paradigm in dealing with nature, as in modernity there is a clear departure from the sacred in function of science vision the religion as a backward step for humanity. Present population data and durability of natural resources and renewable resource alternatives that may be important in a potential paradigm shift in modern society. The research is a literature review based on data presented by Udías Vallina and other authors who describe the prospect of ecology and religion. The relevance of the research is the assumption of religion be an antidote to the ecological crisis, once it was considered something overcome by modernity.

**Keywords:** Environment. Religion. Ethics.

## Introdução

A natureza que era vista como uma manifestação do sagrado que toca e perpassa a todos nós, com a chegada do avanço da ciência, passa a ser encarada pelo homem como um meio exploratório com fins lucrativos. Houve, de facto, um claro afastamento de Deus pela sociedade moderna por concluir que a religião se tornou algo obsoleto, pois o avanço da ciência e das tecnologias seria capaz de dar respostas ao homem moderno para todas as suas angústias.

Sendo assim, a ciência ocupou o lugar de Deus, mas não foi capaz de ocupar esse vazio que o filósofo chamou de niilismo, ou seja, de dar resposta, o que era feito através da religião.

Analisaremos num primeiro momento a desvalorização do sagrado na natureza e as consequências desse ato. Em um segundo momento, analisaremos a ética, o meio ambiente e a religião como resposta à degradação do meio ambiente. Num terceiro momento analisaremos o crescimento, o progresso e o consumo de fontes de energias, a limitação das mesmas e as energias alternativas.

Diante do quadro de crise ecológica da qual o avanço industrial e tecnológico são apontados como os principais responsáveis, e, sobretudo, acentuados com a ausência de Deus, qual a alternativa que poderia nos conduzir rumo à mudança de paradigma? Qual a contribuição que a religião poderia nos dar neste momento crítico que vive o planeta fruto da escolha de vida do homem moderno, que tende a levar o seu esgotamento total do planeta?

## A Desvalorização do Sagrado na natureza

Segundo Vallina<sup>1</sup>, a natureza era considerada para o homem como uma fonte de recurso necessário e inesgotável para sua sobrevivência e ao mesmo tempo cheia de perigos como tormentas, desastres naturais e erupções vulcânicas e terremotos. Havia no homem uma atitude de temor e respeito para com a natureza, justamente por conter nela a manifestação do sagrado, ou seja, algo que vai além da nossa existência.

O grande problema é que a modernidade pautou a sua ação na degradação do meio ambiente dando a sensação de que o homem era dono da natureza e não mordomo como nos propõe a herança judaica cristã no livro de Gênesis. Sendo assim, os avanços obtidos no campo científico e tecnológico nos trouxeram sérios problemas éticos, pois grande parte dos nossos problemas, como afirma Vallina<sup>2</sup>, nasce do desenvolvimento científico e tecnológico da era moderna.

É neste contexto de degradação da vida como um todo que a religião pode assumir um papel importantíssimo, pois esta tem na natureza a manifestação do sagrado. Uma vez que o homem moderno e sua concepção protagonista retiraram a presença do sagrado da natureza, este ser moderno tornou-se destemido em explorar a natureza sem limitação, então é nesta perspectiva que suas atitudes

---

<sup>1</sup> VALLINA, Agustín Udías. *Cencia y Religión: dos visiones del mundo*. Maliaño: Sal Terrae, 2010, p. 387.

<sup>2</sup> VALLINA, 2010, p. 387.

ameaçam a vida e o meio ambiente, porém as religiões têm um papel fundamental no resgate do sentido do sagrado que a modernidade nos tirou.

A morte de Deus em Nietzsche<sup>3</sup> também nos revela uma profecia catastrófica, pois o homem se liberta dos valores judaicos cristãos e fica livre para execução de suas ganâncias exploratórias e vê a natureza como a linha do horizonte, ou seja, como algo que se pode explorar sem limites, pois na ilusão de ótica do homem o mesmo não vê a linha do horizonte como finita. O que o filósofo quer afirmar é que Deus não é mais tão importante em seu tempo, em sua cultura, ou seja, a influência da religião é cada vez menor.

Na tentativa de responder as causas da diminuição da importância da religião nas últimas décadas, Stainer<sup>4</sup> julga encontrar muitas dificuldades em apontar uma única causa como efeito central, justamente porque houve vários movimentos que contribuíram para uma queda vertiginosa advinda dos séculos anteriores.

O autor cita o asceticismo e a secularidade do iluminismo com seus comentários irônicos a todas as igrejas. Considera também o Darwinismo e a tecnologia moderna da revolução industrial que tornaram obsoletas as crenças sistemáticas e a antiga centralidade da igreja, mas enfoca o facto de o religioso ter sido preterido deixando-nos uma grande lacuna outrora ocupada pela teologia.

Sendo assim, toda a problemática que envolve o meio ambiente e a vida como um todo hoje, por exemplo, buraco na camada de ozônio, contaminação dos lençóis freáticos, esgotamento dos recursos naturais como petróleo e gás e a contaminação dos rios, significa que o homem retirou o sentido do sagrado da natureza. Ou seja, houve uma desvalorização do sagrado, esse não regula mais a vida moderna, sendo assim não delimita mais a ação devastadora do homem, se “Deus não existe tudo é permitido”<sup>5</sup>.

### **Ética, meio ambiente e religião**

Todos os seres vivos consomem energia no ambiente em que vivem para sobreviverem, porém o homem segundo Vallina<sup>6</sup>, além de consumir energia para sua subsistência, também consome para outras atividades ligadas às suas necessidades. Sendo assim, toda vez que aumenta o desenvolvimento científico e tecnológico de uma população, aumenta mais o consumo de energia por pessoa. Os países avançados consomem quarenta vezes mais que os países de culturas primitivas. O autor lembra que um maior consumo de energia tem um impacto maior sobre o meio ambiente. Porém, o crescimento populacional como desenvolvimento científico e tecnológico nos levanta várias questões de ordem que devem ser tratadas de forma interdisciplinar no que se consideram os aspectos científico, técnico, econômico, políticos, sociológicos e éticos, que incidem na religião.

---

<sup>3</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 125.

<sup>4</sup> STAINER, George. *Nostalgia do absoluto*. Tradução de Jose Gabriel Flores. Lisboa: Antropos, 2003, p. 16-41.

<sup>5</sup> Ver a obra de Dostoyevsk, crime e castigo.

<sup>6</sup> VALLINA, 2010, p. 386-387.

A ideia do progresso<sup>7</sup> foi concedida sobre uma ótica da ciência que se desenvolveu numa lógica matemática sob modelo mecanicista. Este processo tratou a natureza como objeto manipulado e domado por interesses humanos:

Para os gregos, havia uma clara diferença entre ciência e técnica. O saber científico consistia na contemplação da ordem racional do universo, compreendido justamente como cosmo, como ordem. A ciência era o conhecimento do equilíbrio e da harmonia do mundo. A ética e a política deviam ser uma expressão humana dessa ordenação. A técnica era um saber instrumental e empírico sobre questões de aplicação pragmáticas; ocupava o lugar mais baixo na hierarquia do conhecimento. O saber científico era o mais elevado, com vista apenas para satisfazer o interesse intelectual, sem objetivar interesses concretos. A técnica, o saber que pretendia alcançar resultados práticos. Portanto, existia uma clara separação entre saber científico e saber técnico, o que impediu qualquer desenvolvimento tecnocientífico no mundo antigo e medieval.<sup>8</sup>

Vallina<sup>9</sup> aborda que a ética ambiental como disciplina acadêmica é recente, pois nasce nos anos 70, mas que devido o entorno tem adquirido um rápido desenvolvimento. A ética ambiental é iniciada nos EUA, Noruega e Austrália. Os primeiros percussores deste movimento são Rachel Carson, Lynn White, Aldo Leopold e Richard Routley. Estes autores lutam contra o antropocentrismo que constituem um ponto de vista dominante no Ocidente. Um dos problemas em questão é que não se pode ver a natureza como um meio que se possa utilizar sem responsabilidade.

Segundo White<sup>10</sup>, o cristianismo é o responsável cultural pelo desrespeito a natureza, pois a crise ecológica tem um fundo religioso. Para ele, o cristianismo tem como proposta a desmistificação da natureza, que acabou num antropocentrismo exagerado e precisa de uma mudança na perspectiva religiosa, a saber, remistificar a natureza com uma atitude que valorize a visão biocêntrica que foi perdida com antropocentrismo. O cristianismo introduziu um jeito não repetitivo, linear do tempo, ao contrário das religiões naturais que encaram o tempo como uma visão cíclica e repetitiva.

A ideia linear possibilita a concepção de progresso e a cíclica não concebe essa concepção, com isso ela se torna mais respeitadora ao meio ambiente, porque leva em conta a dinâmica dos ciclos da natureza. Qualquer intervenção na natureza requer uma implicação espiritualizada que vai desde oferecimento de sacrifícios até consultas de espírito no sentido de que se deve ou não tocar na natureza:

As religiões naturais, lugares, animais e plantas têm seus espíritos, porque tudo é animado. Para intervir na natureza, é necessário consultar os espíritos e oferecer sacrifícios a eles. Para derrubar uma árvore ou caçar um animal, deve se pedir licença ao respectivo espírito da floresta ou do reino animal. Para explorar uma mina, consultar o espírito da montanha. O cristianismo combateu esse animismo pagão, esvaziando a natureza de seus espíritos protetores e abrindo a possibilidade a uma exploração indiferente a sensibilidade dos seres naturais. No lugar desses espíritos, o cristianismo ofereceu os santos. Mas a substituição é

---

<sup>7</sup> JUNGES, José Roque. *Ecologia e Criação: resposta cristã à crise ambiental*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 10-11.

<sup>8</sup> JUNGES, 2001, p. 10-11.

<sup>9</sup> VALLINA, 2010, p. 387.

<sup>10</sup> WHITE, 1969 *apud* JUNGES, José Roque. *Ecologia e criação*. Belo Horizonte: Loyola, 2001, p. 15.

completamente diferente do animismo, pois o santo não é um ser natural. Trata-se de um ser que habita aos céus e não a natureza.<sup>11</sup>

A crítica de White<sup>12</sup> evidencia que o saber científico e tecnológico é uma derivação de um pensamento cristão que vem embutido numa consequência lógica do cristianismo. O “crescei e multiplicai-vos e dominai a terra” de Gênesis 1, 28 na visão deste autor, revelam neste texto uma explícita vontade de Deus de que o ser humano domine a natureza para seus deleites próprios. White<sup>13</sup> entende que existiram outros posicionamentos cristãos que tiveram posturas diferentes frente à natureza, entretanto não conseguiram se impor permanecendo minoritariamente, como foi o caso do cristianismo grego e o movimento de Francisco de Assis.

Junges responde a White afirmando que sua crítica de responsabilizar o cristianismo pela crise ecológica quando este aponta para o fator criacionista do judaísmo e cristianismo, é no mínimo, uma crítica simplista que ignora a complexidade do contexto cultural:

A superação das ameaças de espíritos presentes nos seres da natureza foi uma libertação para o ser humano e ninguém querará voltar a essa concepção. Uma autêntica defesa do meio ambiente não dependente de um romantismo requeitado, descobridor de doentes na natureza, mas de uma sensibilidade mística de respeito pela vida que pulsa nos seres vivos e humanos. As causas da crise devem ser buscadas nas revoluções desencadeadas pela modernidade. Como a fé cristã, em choque com as idéias da modernidade e acusada de obscurantismo por não ter aceito as inovações da ciência e da tecnologia pode ser agora acusada de responsável pela crise ecológica?<sup>14</sup>

Para Junges, a fé cristã não pode assumir o ônus da crise ecológica. Ele afirma que as causas da crise estão na história do efeito da modernidade como individualismo e a autonomia introduzida pela revolução francesa e, sem dúvida, o uso das tecnologias protagonizadas pela Revolução Industrial.

A relação capitalismo e democracia possibilitaram a industrialização e a urbanização, o crescimento da riqueza e da população, permitindo também uma privatização dos recursos e a exploração dos recursos naturais.

Junge<sup>15</sup> faz uma reflexão ética importante ao questionar a fé cristã, até que ponto o cristianismo não foi usado pela ideologia mercantilista europeia para justificar a expansão de seus domínios, desmatando e depredando as terras colonizadas em proveito próprio, pois a colonização que causou exploração da natureza e também exploração humana provocou inclusive catástrofes naturais. Não se pode negar que tudo isso aconteceu com a vinda dos colonizadores.

É importante se perguntar até que ponto essa visão continua entre nós, até que ponto continua inserido em nossa cultura?

---

<sup>11</sup> WHITE, 1969 *apud* JUNGES, 2010, p. 15.

<sup>12</sup> WHITE, 1969 *apud* JUNGES, 2010, p. 15.

<sup>13</sup> WHITE, 1969 *apud* JUNGES, 2010, p. 15.

<sup>14</sup> JUNGES, 2010, p. 16.

<sup>15</sup> JUNGES, 2010, p. 17.

Junges<sup>16</sup> afirma que a tradição cristã de maneira nenhuma é antiecológica, mas a “história de efeitos” de sua tradição ocidental pode ter servido ao imaginário predatório da natureza. Por isso, é importante para a religião cristã retomar a crítica aos efeitos da modernização, assumindo assim o desafio de pensar a fé cristã num contexto ecológico, desmitificando criticamente certas interpretações e dando um sentido hermenêutico bíblico que seja significativo para compreensão dos desafios contemporâneos éticos do respeito à natureza.

### **Crescimento, progresso e consumo de energia**

O crescimento populacional (P) e o aumento de energia (E) têm sido um dos maiores desafios para sobrevivência futura do planeta e suas espécies.

Conforme Vallina<sup>17</sup>, a vida moderna que está baseada numa demanda grande de uso de energia por indivíduo (e) é umas das principais causas das ameaças ao planeta. Sobretudo, porque nesta dinâmica usual (E) se estabelece num grande impacto sobre o meio ambiente. Para Vallina<sup>18</sup>, o crescimento industrial e tecnológico estabelecido nos países desenvolvidos (europeus), mesmo apresentando um número de crescimento populacional baixo quase a zero, tem apresentado um crescimento significativo do uso de (E) por indivíduo (e), ou seja, quanto mais cresce a oferta tecnológica de mercado, mais o consumo por indivíduo (e) aumenta.

Entretanto, não é o que acontece nos países subdesenvolvidos onde o número populacional apresenta um número maior de crescimento de (p), no entanto está bem abaixo do consumo de energia se comparado aos países desenvolvidos, sendo assim, essa equação torna-se desequilibrada.

O desequilíbrio entre os povos se mantém cada vez mais, aumentando essa distância proporcional, mas, esse desequilíbrio que produz uma má qualidade de vida, no mínimo exige de nós um pouco de justiça que alcance um nível de consumo de energia uniforme para todos os países, pelo menos naquilo que tange as necessidades básicas. Isso implicaria num aumento de consumo de energia nos países subdesenvolvidos e diminuiria nos países desenvolvidos.

A desproporção é tão grande em relação ao uso da energia que o nível do consumo de (E) das culturas mais primitivas<sup>19</sup> assemelha-se ao nível do puro metabolismo biológico. O consumo de (E) está estimado para o homem em uns 400 KW/hora por pessoa aproximadamente. Hoje, o consumo de energia nos países desenvolvidos está entre 100 e 200 vezes superior. Em equivalência de consumo de tonelada de carbono por pessoa no ano, a diferença entre um país desenvolvido e um não desenvolvido supera a relação de 10 a 1. Pode-se constatar que a riqueza de um país e o consumo de energia é quase linear. Portanto, o crescimento do consumo de um país está linearmente ligado ao grau de desenvolvimento da riqueza de um país.

---

<sup>16</sup> VALLINA, 2010, p. 387-389.

<sup>17</sup> VALLINA, 2010, p. 387-389.

<sup>18</sup> VALLINA, 2010, p. 387-389.

<sup>19</sup> VALLINA, 2010, p. 390.

Entretanto<sup>20</sup>, os números mais exatos são os de 20 anos: 1985 a 2005, o maior crescimento corresponde ao continente africano, que aumentou de 541 a 888 bi, enquanto que na Europa aumentou de 706 a 725. Portanto, a população mundial 4.830 a 6.443, os números mais altos correspondem a África e América Latina e os mais baixos a Europa.

Um dos fatores que podem medir essa taxa é o crescimento com o tempo ( $t_2$ ) que pode dobrar o número de habitantes, um crescimento do tipo exponencial  $t_2$ , ou seja, o número de habitantes dobra com o tempo, com uma relação simples  $t_2 = 0,69/r$ . Neste caso, temos dois exemplos que ilustram essa situação, o caso do México que em 2007 era uma (P) de 106 bi, se usada essa proporção poderá chegar em 40 anos com o dobro, isto é, 212 bi em 2047. Já na Suécia os valores para 2007 eram P= 8,9 bi e  $r= 0,2$  pelo que  $t_2 = 345$  anos e a população não se dobrara em 17, 8 bi até o ano de 2.352. Isso indica o grande crescimento da população em outros países e ao mesmo tempo a diferença entre eles, mas, sobretudo, vemos que os países mais ricos vêm diminuindo bastante o número de sua população.

A outra forma de medir esse crescimento é pela taxa de fertilidade total (TFT), igual ao número de filhos por mulheres. Para que a população se mantenha constante a TFT de se manter em 2,1. Mas se a taxa é menor que 2,1; isso indica uma diminuição de (P), e se a (TFT) for maior do que 2,1 indicam um aumento de (P). A (TFT) par todo mundo de 2005 – 2010 foram de 2,6; o valor para 1991 era de 3,4 e para 1960 de 5,5; segundo este quadro a população segue aumentando, embora esteja diminuído o número de natalidade. Um dado importante é que além dos países mais ricos terem suas taxas diminuídas de (TFT) e a Europa de uma taxa de 1,5, a Suécia tem a maior taxa (1,8), seguida da Espanha de (1,4). Neste caso específico da comunidade europeia, os países mais desenvolvidos entre os europeus têm o grau mais baixo de (TFT).

Há uma previsão que em 2050 seremos uma população de 9.000 e 11.0000 bi. Um fenômeno novo a partir de 2004 é o fator imigratório na Europa, portanto, um país que tinha um índice de população baixa tem crescido, como no caso da Espanha e outro país histórico, em nível de imigração como EUA e Canadá na América tem diminuído o número de imigrantes.

## Fontes de energias

Um grande problema hoje para os países que compõe o globo terrestre é pensar o desafio de enfrentar os recursos limitados do meio ambiente e a crescente população mundial. Hoje, o problema é diferente do que se pensou no passado por Thomas Mathaus em 1798<sup>21</sup>, em que o aumento da população superaria a produção de alimento, mas felizmente essa profecia não se cumpriu, pois foram descobertas novas fontes de energia e técnicas de produção de alimentos.

Contudo, o problema passou a ser o problema de energia, mas nem tanto o aumento da população, porém a suficiência em energia que garanta a boa qualidade de vida num futuro próximo, pois temos hoje uma quantidade limitada de recursos naturais.

<sup>20</sup> J. HEALEY, 2000 *apud* VALLINA, 2010, p. 390.

<sup>21</sup> C.F. PARKS, 2002 *apud* UDÍAS, 2010, p. 395.

Vallina<sup>22</sup> conclui que, se colocarmos nossa esperança somente no desenvolvimento tecnológico, fruto da fé na ciência, resolveremos o problema eventualmente, mas essa fé não será suficiente, pois é questionada hoje. Ainda segundo Vallina,<sup>23</sup> o desenvolvimento não só não resolveu como agravou o problema, pois buscou dinamizar o problema do consumo por indivíduo no intuito de proporcionar uma qualidade de vida cada vez maior, mas implicou num duplo problema, primeiro a diminuição progressiva dos recursos naturais, e segundo a contaminação do meio ambiente, como resultado da produção tecnológica.

A flutuação do preço do petróleo é uma preocupação dos países produtores, sobretudo no aumento da demanda em países emergente como China e Índia, por terem uma grande população. O desenvolvimento que é a causa do problema ambiental chega também a todas as regiões da terra fazendo desaparecer as zonas de reservas naturais<sup>24</sup>.

Os recursos são divididos em renováveis e não renováveis, as fontes renováveis são: energia solar, eólica, geotérmica, plantas e hídricas. As fontes não renováveis são: petróleo, gás natural, carbono e urânio. Sendo que as fontes mais usadas são as não renováveis, também chamadas de combustíveis fósseis. Pela ordem as mais usadas são: petróleo, carbono e gás natural, sendo que os três chegam aos 85% de consumo total de energias usadas, seguidos de 3% da hidrelétrica e 6% de energia nuclear.

A questão é que essas fontes de energia têm os seus dias contados, ou seja, são limitadas, e a energia nuclear que pode ser uma alternativa traz um risco muito grande ao meio ambiente devido o armazenamento dos seus resíduos radiativos e também por ser um recurso limitado.

Os números do petróleo no mundo variam muito, porém, segundo alguns dados as reservas chegam às cifras de 3.000.000 trilhões/barris, sendo que a maioria se encontra no oriente médio, 700.000 barris. Até 2007 o consumo era de 85 bi/barris/dias (31.024 bi/ano), permanecendo neste ritmo se esgotaria em 45 anos. Outros recursos como carbonos se esgotariam em 200 anos aproximadamente.

Concomitantemente a esses esgotamentos de recursos, já teremos outros problemas como a contaminação dos lençóis freáticos e poluição dos rios e mares, sobretudo o ar nas grandes cidades e a camada de ozônio, causando mutações climáticas como aquecimento global e elevação das marés.

Das energias alternativas<sup>25</sup>, sem dúvida o sol seria uma das mais limpas, mas o seu aproveitamento não é tão rentável, porém, em pequenas aplicações de uso térmico e fotovoltaico é uma alternativa.

---

<sup>22</sup> MATHAUS, 1798 *apud* VALLINA, 2010, p. 395.

<sup>23</sup> VALLINA, 2010, p. 395.

<sup>24</sup> VALLINA, 2010, p. 395.

<sup>25</sup> VALLINA, 2010, p. 395.

Não se sabe se as indústrias no futuro farão uso da energia solar ou se esse aproveitamento vai chegar a tempo, ou seja, antes que as outras fontes de energia se esgotem.

## Conclusão

Diante do quadro da crise ecológica que nossa sociedade se encontra, constatamos que, de facto, precisamos de uma profunda reflexão, a fim de mudarmos nossa lógica de agir com a natureza, apesar de a intenção não ser um retorno a visão animista, pois o mundo moderno que nasce de uma perspectiva cristã como vimos acima, dificilmente abraçaria uma ideia voltada para negação do mundo, até porque os avanços da ciência de facto trouxeram muitos benefícios a nós, desde o uso do transporte ao computador que torna o mundo uma aldeia, ou seja, uma proximidade maior.

Portanto, é preciso retornar a consciência de que a vida que o homem moderno escolheu é extremamente prejudicial ao meio ambiente. O homem não tem respeitado os limites da natureza e passou a tratá-la apenas como objeto, agindo como se ele e a própria natureza não fossem finitos e, sobretudo, criando uma atmosfera sombria para as futuras gerações.

Os recursos naturais como petróleo, carbono e gás não são ilimitados como vimos acima e essa durabilidade não chegará a 2050 se continuarmos neste ritmo frenético.

Diante desse dilema, a religião tem um grande desafio pela frente, primeiro que as promessas de salvação da ciência começam a ser questionadas, não conseguindo dar resposta para nossas angústias. Para agravar o problema, essa ciência nos trouxe o caos, a barbárie. Quem poderia imaginar uma conquista fantástica como a criação dos aviões e depois vê-los como objetos de guerras? A criação da bomba atômica com grande poder de destruição? As armas de fogo usadas nos conflitos de guerras e o dia a dia das cidades violentas? E o destrato com a natureza como mencionado ao longo do texto?

Mas, diante do caos instalado, a religião pode e deve retomar o diálogo que se havia perdido com a ciência, a saber, os grandes problemas bíblicos de ordem interpretativa que provocaram desavenças e separação podem ganhar novos contornos. O exemplo pode estar exatamente na afirmação de Johannes Kepler<sup>26</sup>, cientista e teólogo, que, para ele seria abusar da Bíblia querer exprimir dela informações científicas, pois ela trata de assunto de salvação e não de natureza científica, portanto o cientificismo tem razão de denunciar como falsa a literalidade da Bíblia.

Nas palavras de “Galileu<sup>27</sup>, o literalismo bíblico, caso arrisque a ser consequente, está fadado a cair em graves heresias.” Contudo, seria impossível ler a Bíblia sem questionar o sentido oculto, verdadeiro, por de trás das palavras escritas? Porém, a ciência tem relevância na cobrança à igreja por uma hermenêutica que dê o verdadeiro sentido às Escrituras, por exemplo, como entender o apocalipse em sentido literal. A verdade bíblica consiste em quê?

---

<sup>26</sup> BRAKEMEIR, Gottfried. *Ciência ou Religião: quem vai conduzir a história*. São Leopoldo: Sinodal, 2006, p. 16.

<sup>27</sup> GOTTIFRIED, 2006, p. 16.

Precisamos de uma hermenêutica que recupere a natureza como revelação do Deus da vida, ou seja, que demonstre que esse Deus se manifesta por meio das obras que criou (cf. Rm 1.20s). São vários salmos que enaltecem a beleza da natureza (Cf. SL 104), demonstrando nela a sabedoria de Deus. A forte declaração de Jesus que diz ser a natureza a identidade do amor de Deus quando diz: que o sol nasce sobre os bons e os maus (Mt 5.45).

A espiritualidade é importante, pois é um modo de vida que nos reconcilia com nossa finitude, que, de facto, é a nossa condição humana do limite, ou seja, do até onde podemos ir. A espiritualidade recupera o lugar da teologia que afirma que homem não é finito e nem bonzinho, fator esse ignorado pelo marxismo e pela própria ciência. A igreja precisa assumir uma crítica severa ao capitalismo demonstrando que um dos atributos de Deus é a justiça, porém o protagonismo capitalista impede a justiça de Deus.

Temos um cenário de crise, mas a crise pode ser uma ótima oportunidade para boas mudanças como, por exemplo, a conversão ecológica. Isso implicaria num novo modo de produção de consumo, respeitando os limites da natureza e um olhar para futuras gerações a quem a terra também pertence, a saber, uma mudança de paradigma. Ou seja, buscar uma vida mais alternativa em todos os sentidos que vai desde uso alternativo energético até alimentação sem agrotóxico, mas, para que isso aconteça, o homem pós-moderno precisa de uma metanóia de vida, que mostre a ele que a qualidade de vida não está no lucro e no conforto, mas sim na vida com justiça e equidade. Portanto, o modelo atual de vida deve ser abortado, pois não combina com o Éden a utopia religiosa cristã. O desafio torna-se de interesse de todos, pois é um problema global e não particular, portanto, cada pessoa e cada religião são convocadas a participar, pois será preciso mais que uma razão, e sim, uma paixão para devolver ao homem o cuidado pela natureza, como obra da criação.

Todavia, nesta crise nasce uma oportunidade única da teologia se ocupar com uma preocupação ecológica, pois ao menos nos últimos tempos ela (teologia) interpretou a salvação exclusivamente como categoria histórico-humanas, sem se preocupar, ou referir-se a totalidade da criação. A salvação estava apenas no âmbito humano no que se refere a sua relação entre os humanos. É indispensável incluir na reflexão da salvação, ou seja, da soteriológica cristã, a totalidade da salvação, pois assim se é possível a criação de novos céus e novas terras dentro da perspectiva utópica da fé cristã, que sem dúvida teve na figura de São Francisco um dos seus grandes defensores da criação.

## Referências

BRAKEMEIR, Gottfried. *Ciência ou Religião: quem vai conduzir a história*. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

JUNGES, José Roque. *Ecologia e Criação: resposta cristã à crise ambiental*. São Paulo: Loyola, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

STAINER, George. *Nostalgia do absoluto*. Tradução de Jose Gabriel Flores. Lisboa: Antropos, 2003.

VALLINA, Agustín Udías. *Cencia y Religión: dos visiones del mundo*. Maliaño: Sal Terrae, 2010.